PSD põe taxa de protecção civil em tribunal

Lisboa
Cláudia Carvalho Silva

Partido diz que medida é ilegal por se tratar de um imposto e não de uma taxa e serve para "aumento de receitas" da câmara

Uma providência cautelar foi apresentada ontem no tribunal administrativo para impugnar a cobrança da taxa municipal de protecção civil (TMPC) de Lisboa. O grupo do PSD da Assembleia Municipal de Lisboa, liderado por Sérgio de Azevedo, apresenta motivos como a "inconstitucionalidade" pela dupla taxação aos proprietários que já pagam IMI, a ausência de contrapartida no pagamento da taxa e o facto de a protecção civil ser "um direito de todos".

A taxa, que se destina a "apoiar o funcionamento dos serviços ligados à protecção civil", nomeadamente o Regimento dos Sapadores Bombeiros, faz com que as pessoas individuais paguem uma média de 35 euros por ano, mas o valor é significativamente superior quando os imóveis se encontram degradados ou devolutos ou quando se dedicam a "actividades ou usos de risco acrescido", como as redes de distribuição de gás, água e electricidade (50 mil euros) ou postos de combustível (20 mil euros).

Na providência cautelar, são discriminados os argumentos contra a taxação de protecção civil. "Estamos perante um verdadeiro imposto sob a 'capa' astuciosa de uma taxa", lê-se, com a explicação de se trata de um imposto "por dela [da taxa] não resultarem utilidades divisíveis e pelo facto de o valor da taxa não ter equivalência", já que o serviço prestado pela protecção civil já é financiado. Não existe, portanto, "o carácter bilateral" que é comum às taxas.

Ademais, "mesmo que a taxa servisse para custear os serviços de protecção civil, nomeadamente os bombeiros sapadores, a receita esperada seria muito superior ao custo". Como no orçamento da autarquia para 2016 estão reservados 3,8 milhões para este sector, a questão coloca-se "sob a égide da legalidade" pois os "valores não podem sair da rubrica prevista do orçamento". A Associação Lisbonense de Proprietários apresentou também uma acção judicial, em Outubro, para travar a taxa, por considerar que é inconstitucional. **Texto editado por Ana Fernandes**

ADRIANO MIRANDA



No Hospital de Faro, nascem 150 bebés prematuros por ano

Semana dedicada aos prematuros termina em festa

Faro
Idálio Revez

Centro Hospitalar do Algarve promove convívio, em ambiente de "recordar é viver" o que significa nascer antes do tempo

Joana está com os olhos colados ao seu bebé – Laura nasceu de 26 semanas. Nos últimos dias, a menina sofreu um pequeno percalço, que a obrigou a ficar três dias ventilada. Nos cuidados intensivos do Departamento Materno-Infantil do Centro Hospitalar do Algarve (CHA), Laura é o centro das atenções, por ser, nesta altura, o bebé mais prematuro. À sua volta, pais, enfermeiros, médicos, falam todos tão baixinho que a voz até parece fazer gotinhas de ternura suspensas no ar. "Eles ouvem e sentem tudo o que se passa a sua volta", avisa a enfermeira Elsa Silva, lançando um olhar de 360 graus sobre tudo o que se passa em redor. "Hoje tenho o bebé mais instável", a Laura.

Joana, de 28 anos, sorri, para a sua menina. Os tubos de oxigénio ligam Laura à vida, mas é a energia que a mãe lhe transmite pelo olhar que a mantém atenta e desperta para o mundo exterior. "Canto e falo com ela, como fazia quando a tinha na barriga". Cá fora, discute-se os preparativos da festa que hoje decorre no Parque Ribeirinho de Faro – uma Marcha pela Prematuridade, que vai terminar com um lanche-convívio onde os pais vão partilhar as experiências que tiveram com os seus filhos que nasceram antes do tempo. No Hospital de Faro, nascem, em média, centena e meia de bebés prematuros por ano. *Pequenos Pés, Grandes Passos* é o nome de nome do projecto que, desde 2006, aproxima a comunidade clínica e os familiares dos recém-nascidos. O objectivo é recriar, no espaço hospitalar, um ambiente de carinhos e afectos para que os bebés sintam o menos possível o choque da vida fora do útero.

A festa que começa às 14h30, no Parque Ribeirinho, encerra a semana que o CHA dedicou à prematuridade depois das comemorações do Dia Mundial no dia 17. O convívio faz-se das pequenas (grandes) histórias que se contam, ao sabor das palavras e sentimentos. Elsa Silva é a enfermeira responsável pela formação do NIDCAP – Newborn Individualized Development Care and Assessement Program, na área da Neonatologia.

O programa procura destacar a importância dos cuidados individualizados aos recém-nascidos. A falta de profissionais no CHA, também nesta área, faz-se sentir no serviço. "Estou a ouvir o alarme de bomba a tocar", diz Elsa Silva, partindo para acudir a uma situação de emergência. Neste serviço, existem quatro enfermeiros para cuidar de 11 bebés, e só um não nasceu prematuro. As tarefas são múltiplas: mudam fraldas, vigiam cateteres, tubos de oxigénio e tudo o que seja necessário para criar uma atmosfera agradável aos bebés. O toque é o sinal de afecto que está sempre presente neste "cantinho" do hospital onde os pais desempenham um papel insubstituível. Laura vai duas vezes por dia visitar a filha. Quando fala, diz, "ela abre os olhinhos". O bebé, agora com 28 semanas, pesa 840 gramas e reage a todos os estímulos. Já deu o salto para a outra margem – o toque da pele com a pele na mãe deu-lhe novo alento.

